

AS RELAÇÕES COESIVAS NA CRÔNICA DE MARINA COLASANTI, “EU SEI, MAS NÃO DEVIA”: UMA ANÁLISE DOS EFEITOS DE SENTIDOS NA PERSPECTIVA DA LINGUÍSTICA TEXTUAL

THE COHESIVE RELATIONS IN MARINA COLASANTI'S CHRONICLE, "I KNOW, BUT I SHOULDN'T": AN ANALYSIS OF THE MEANINGS EFFECTS FROM THE PERSPECTIVE OF TEXTUAL LINGUISTICS

Lucas Henrique de Omen¹

Fabiana Pincho de Oliveira²

Resumo: A partir das leituras de autores representantes da Linguística Textual, como Antunes (2005, 2010), Faraco e Vieira (2019), Pauliukonis e Cavalcante (2018), Garantizado Jr. e Cavalcante (2016) e Cavalcante et al. (2019), o presente trabalho pretende descrever os recursos e procedimentos coesivos presentes na crônica de Marina Colasanti, *Eu sei, mas não devia*, além de analisar os efeitos de sentidos produzidos no texto. Para tanto, são apresentados, como aporte teórico, o conceito de texto e as propriedades da textualidade, com especial destaque para as relações, recursos e procedimentos da coesão. Na etapa de análise da crônica, são identificadas as relações de reiteração, associação e conexão, e os recursos de cada uma delas, como a paráfrase, o paralelismo, a repetição, as substituições gramaticais, lexicais ou por elipse, o recurso da seleção lexical e dos conectores. Os resultados mostram a presença das relações de reiteração, conexão e associação semântica, com predomínio dos recursos da repetição literal, paralelismo e elipse, podendo sugerir que a autora tenha intencionado o efeito de circularidade nos hábitos cotidianos, de banalização da vida. É possível perceber a progressão das ideias por meio da mobilização de diferentes campos semânticos, ao mesmo tempo em que os recursos da repetição literal e do paralelismo garantem a continuidade temática. Tentou-se aqui tornar evidente a complexidade dos recursos coesivos no texto, mas também evidenciar a possibilidade de estudo do texto para além de categorizações gramaticais, pensando em seus efeitos de sentidos, estéticos e retóricos.

Palavras-Chave: Texto. Coesão. Coerência. Efeitos de sentido.

Abstract: Based on authors representing Textual Linguistics, such as Antunes (2005, 2010), Faraco and Vieira (2019), Pauliukonis and Cavalcante (2018), Garantizado Jr. and Cavalcante (2016) and Cavalcante et al. (2019) the present work intends to describe the cohesive resources and procedures present in Marina Colasanti's chronicle, *I know, but I shouldn't*, in addition to analyzing the effects of meanings produced in the text. For this purpose, as a

¹ Graduando em Letras/Português pela Universidade Federal de Alagoas.

² Docente Associada da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas. É coordenadora do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras), vice-líder do Grupo de Estudos do Texto e da Leitura: perspectivas interdisciplinares (GETEL). E-mail: fabiana.oliveira@fale.ufal.br

theoretical contribution, the concept of text and the properties of textuality are presented, with special emphasis on the relations, resources and procedures of cohesion. In the analysis stage of the chronicle, relations of reiteration, association and connection are identified, and the resources of each one of them, such as paraphrase, parallelism, repetition, grammatical, lexical or ellipsis substitutions, the resource of lexical selection and the connectors. The results show the presence of relations of reiteration, connection and semantic association, with mastery of the resources of literal repetition, parallelism and ellipse, which may suggest that the author has intended the effect of circularity in everyday habits, of trivializing life. It is possible to apprehend the progression of ideas through the incorporation of different semantic fields, while the resources of literal repetition and parallelism guarantee thematic continuity. An attempt was made here to make evident the complexity of the cohesive resources in the text, but also to highlight the possibility of studying the text beyond grammatical categorizations, thinking about its meaning effects, aesthetic and rhetorical.

Keywords: Text. Cohesion. Coherence. Meaning effects.

1. Introdução

Dentro dos contextos escolares, ao se falar de texto, vem à discussão a coerência e os elementos recursivos da coesão. Nota-se que, apesar de a coesão e a coerência serem inerentes a qualquer texto circulante nos mais diferentes eventos interativos, o seu estudo somente aparece como preocupação na sala de aula quando se discute a estrutura da redação do ENEM, como se fosse recurso exclusivo de sua estrutura, possibilitando, portanto, espaço para associações equivocadas. Ademais, práticas de aulas de Língua Portuguesa que coadunem ainda com análise de frases para explorar aspectos gramaticais da língua podem também gerar efeitos indesejáveis, como a falta de espaço para o trabalho sistemático e recorrente com o texto escrito e principalmente com o texto oral e multimodal.

Juntas, essas práticas podem contribuir para conclusões equivocadas, como a de que: a) como já citado, o recurso da coesão e a coerência sejam percebidas como exclusivas do gênero discursivo redação do ENEM — o que, sendo um gênero afastado das práticas sociais cotidianas, com grande preocupação pela estrutura e pouco pela produção contextualizada, aparta desses recursos do texto a natural motivação de interação e, portanto, de organização para se fazer entender; b) a coesão e coerência sejam fenômenos da textualidade que só podem ser trabalhados na produção textual, diminuindo a importância ou a possibilidade de um estudo da linguagem que parta da observação desses fenômenos a partir da leitura.

Essa falta de trabalho com a leitura e com a análise dos usos concretos da coesão e da coerência embarçam as tentativas de construção de entendimento do alunado em torno dessas duas manifestações da textualidade, como afirma Antunes (2005) ao dizer que, nos materiais didáticos, a coesão e a coerência sempre aparecem como termos “vago[s],

impreciso[s], para onde vamos jogando tudo o que não sabemos explicar bem” (ANTUNES, 2005, p. 16). A falta de compreensão dessas propriedades da textualidade, por conseguinte, podem contribuir para dificuldades de leitura e de escrita, visto que essas práticas exigem uma consciência e domínio desses recursos.

Na contenção desses equívocos e desses efeitos, os estudos da Linguística Textual podem dar contributos importantes para o aprimoramento do trabalho com a coesão e a coerência, propondo uma prática mais consistente, que parta de observações do uso concreto, por meio da análise textual, e que faça perceber que são fenômenos constituintes dos mais diversos textos nos mais diversos contextos de interação.

Este estudo, portanto, parte de algumas concepções de textos elencados por Antunes (2005): 1. todo texto é interação, isto é, age sobre o outro; 2. todo texto é cooperativo, portanto, age com o outro; 3. todo texto nasce dentro de um contexto espaço-temporal. Dito isso, está-se aqui contrário à ideia de texto sem função social, sem natureza interativa e em limbo de espaço e tempo. Desses pressupostos partem a escolha dos conceitos aqui trabalhados.

Pelos motivos expostos, o presente trabalho pretende, fundamentado nas leituras de Antunes (2005, 2010), Faraco e Vieira (2019) e Pauliukonis e Cavalcante (2018), discorrer sobre os processos de coesão textual que podem ser encontrados numa das crônicas de Marina Colasanti, *Eu sei, mas não devia*, objetivando analisar os efeitos de sentido produzidos e também perceber como esses recursos coesivos foram articulados para a produção desses efeitos. Para tanto, na seção 2 se exporá o aporte teórico sobre textualidade, texto, o conceito de coesão e seus tipos; na seção 3, será trazido o *corpus* de análise e as informações sobre a crônica e sua autora; na seção 4, se apresentará o ato analítico do fenômeno coesão em seus diversos tipos de relações, procedimentos e recursos; e, por fim, na seção 5, se seguirá para as considerações finais.

2. Textualidade, texto e coesão/coerência

A discussão aqui posta em torno das ideias de textualidade e texto parte do entendimento da linguagem como lugar de interação, no qual são estabelecidas práticas sociais em que os falantes são sujeitos ativos — mobilizando, portanto, a ideia de texto como unidade de natureza discursiva (GARANTIZADO JR; CAVALCANTE, 2016) — e, segundo Antunes (2010), há um propósito comunicativo (e, portanto, intencional), pois é estabelecido na interação com o outro e é construído em torno de uma ideia central. No ponto de vista de

Antunes (2010), quando falamos e escrevemos, o fazemos por meio dos textos, enquanto a textualidade seria a característica estrutural por meio da qual se realiza o ato comunicativo. Nesse mesmo sentido, Pauliukonis e Cavalcante (2018) defendem a concepção de texto como evento comunicativo, cujo sentido do enunciado é constituído pelos participantes e pelo contexto específico em que se dá o evento.

Antunes (2010) elenca como propriedades que fazem diferenciar o conjunto de palavras de um texto: a coesão, a coerência, a informatividade e a intertextualidade. No caso da intencionalidade, da aceitabilidade e da situacionalidade, a autora observa que são condições de efetivação do texto, já que a primeira e a segunda estão mais relacionadas ao leitor/interlocutor do que ao texto em si, enquanto que a terceira, ao contexto. A linguista critica ainda a ideia de texto como resultado apenas de um conjunto linguístico, pois, para ela, trata-se de um “traçado que envolve material linguístico, faculdades e operações cognitivas, além de diferentes fatores de ordem pragmática ou contextual” (ANTUNES, 2010, p. 37). Já Garantizado Jr. e Cavalcante (2016) propõem a ideia dos conceitos de coesão/coerência interdependentes entre si e não apenas inerentes ao contexto, mas também aos contextos, observando, portanto, os fatores de natureza pragmática, sociointeracionista e cognitiva.

No ato da fala/escrita e escuta/leitura, ativam-se quatro conjuntos de conhecimento: a) o conhecimento linguístico; b) o conhecimento enciclopédico; c) os conhecimentos referentes aos tipos e gêneros textuais; e d) o conhecimento sociointeracional, que se refere às adequações comunicativas a depender da situação social (ANTUNES, 2010). E, por isso, salienta a autora, que nada no texto é particular e que, ao analisar, é preciso buscar entender a parte com a visão do todo, já que “os elementos de construção de um texto são inseparáveis” (ANTUNES, 2010, p. 45). Sobre esse aspecto sociointeracional, Pauliukonis e Cavalcante (2018) salientam que texto é um evento construído situadamente num determinado contexto histórico e social, por esse motivo é necessário realizar a investigação dos mecanismos utilizados para produção e compreensão dos sentidos com base no contexto social incorporado na interação.

Voltando às propriedades que são inerentes ao texto, Antunes (2010) cita a informatividade como equilíbrio entre o já sabido e a novidade, pelos quais o texto se constrói. Ou seja, a informatividade se constitui, no texto, entre o que o leitor já conhece — como forma de contextualizá-lo na discussão — e o que o leitor ainda desconhece, que está vinculado ao propósito comunicativo do emissor.

Sobre a intertextualidade, Antunes (2010) afirma que todo texto é intertexto, pois parte de interações anteriores. Essa ideia é também defendida por Pauliukonis e Cavalcante (2018), que trazem a intertextualidade como a concepção de que todo texto se constrói a partir de formas e conteúdos de textos já veiculados. Essas ideias se fundamentam no pressuposto bakhtiniano do dialogismo.

E, por fim, ainda nas propriedades inerentes ao texto, têm-se a coesão e a coerência. Pauliukonis e Cavalcante (2018) afirmam, quanto à coerência, que ela, junto à coesão, constitui um dos dois elementos fundamentais sem os quais o pretense texto seria um não texto, com palavras e frases desconexas, não se relacionando semanticamente entre si. As autoras ainda entendem que a coerência estaria disposta no sentido global do texto, ou seja, em sua macroestrutura. Além disso, a coerência é auxiliada pela coesão, embora, esta, por si só, não garanta aquela.

Sobre a específica relação entre coesão e coerência, Pauliukonis e Cavalcante (2018) dizem que o que dá consistência ao texto é a coerência, sempre observando, para além das conexões internas, as relações sociodiscursivas de produção. A coesão nessa equação seria uma das outras condições para o estabelecimento da coerência, ela é vista, pelas autoras, de maneira mais ampla do que os elementos mais explícitos do texto e, portanto, dependente dos fatores pragmáticos e discursivos dados em cada evento comunicativo.

Quanto aos elementos explícitos no texto, Faraco e Vieira (2019) declaram que o fenômeno da coesão serve para ligar os fios do texto, contribuindo para a progressão e unidade temática. Antunes (2005) irá também conceituar a coesão nesse sentido, dizendo que é uma propriedade pela qual se criam laços³ e que dá, ao texto, unidade de sentido ou unidade temática. Isso quer dizer que o recurso, ao mesmo tempo que auxilia para que não haja fuga do tema, tem o papel de fazer o texto progredir, evitando uma circularidade cansativa.

Antunes (2005) destaca três grupos de relações coesivas que podem ser utilizados e encontrados em textos de diversos gêneros: as relações de reiteração, as relações de associação e relações de conexões⁴ - que serão abordados na respectiva ordem.

O primeiro grupo de relações coesivas é o de relações de reiteração (também nomeado de coesão por retomada), quando um referente já dito no texto é retomado por meio de palavras e expressões equivalentes, a fim de evitar repetições exaustivas no texto. As

³Antunes (2010) explica que a coesão é a propriedade textual que atua como recurso nas ligações entre os segmentos do texto, como as palavras, orações, períodos, parágrafos, blocos superparagráficos.

⁴Nomenclaturas utilizadas por Irlandé Antunes (2005), retomadas aqui por sua categorização relativamente mais acessível.

reiteraões, por sua vez, podem acontecer por meio de dois tipos de procedimento: pela repetição e pela substituição. Entre os elementos de repetição, a autora menciona os recursos⁵ da paráfrase, do paralelismo e da repetição propriamente dita.

Já o paralelismo é quando há uma construção sintática simétrica. Segundo Antunes (2005), é um recurso da estilística e da coesão que contribui com a articulação do texto, deixando-o mais fluido. A autora ainda ressalta o caráter enfático do paralelismo.

No caso da repetição propriamente dita, embora seu uso abusivo torne o texto exaustivo, os autores Faraco e Vieira (2019) falam que é comum que haja a repetição da palavra-chave e que o recurso não prejudica o texto; pelo contrário, favorece a continuidade temática. Irlandé Antunes enrobustece tal ideia ao dizer que “a repetição da palavra funciona como uma espécie de nó que une os pontos da linha que sustenta a continuidade exigida pela própria coerência” (ANTUNES, 2005, p. 75), isto é, do contrário, corre-se o risco de fugir do assunto, pois a repetição é a forma mais óbvia pela qual retomamos referentes-chave do tema. Além dessa função, cujo efeito é de explicitar a continuidade temática, o recurso ainda pode ser usado para efeito enfático (unido ao paralelismo), para marcar contraste e para dar ideia de quantificação.

Incluído na relação de reiteração, há o procedimento de substituição, que consiste na escolha de uma palavra para retomar uma outra anteriormente posta no texto; embora sejam palavras diferentes, elas têm equivalência semântica. Tal procedimento, por sua vez, é subdividido em três recursos: substituição gramatical, substituição lexical e substituição por elipse. Eles serão abordados respectivamente.

Os casos do recurso de substituição gramatical se dão principalmente por meio dos pronomes, cumprindo sua função de substituir a palavra literal por outra que retome o referente. Chamado ainda de substituição pronominal, o fenômeno subdivide-se em dois casos: a anáfora e a catáfora. Ambas participam na pronominalização. A diferença entre as duas é a sequência. Quando o nome vem primeiro no texto e é referenciado por pronome, dá-se o nome de anáfora. Caso contrário, quando o pronome remete a um referente que ainda surgirá no texto, dá-se o nome de catáfora.

Já a substituição lexical, diferente da substituição gramatical, se dá por fragmentos que são textualmente equivalentes aos referentes que retoma. O fenômeno pode trazer consigo novas informações sobre o referente. Essa substituição pode ser realizada por meio de

⁵ Antunes (2005) estabelece a seguinte ordem de classificação: existem as relações coesivas, dentro delas, os procedimentos de coesão e, dentro dele, os recursos coesivos.

palavras que estabeleçam diferentes relações de sentido entre o referente e a palavra que faz sua retomada, como as relações de sinonímia, hiperonímia ou caracterização situacional. Por fim, o recurso da substituição por elipse se dá pelo apagamento da palavra que retomaria o referente. Nesse caso, o reconhecimento do referente se dá pela identificação da desinência verbal.

Indo para a relação de associação semântica, o procedimento de seleção lexical se trata da escolha de palavras que se relacionam semanticamente dentro do texto a partir do conhecimento geral de mundo, criando uma ligação da conjuntura do texto. Segundo Antunes (2005), “a motivação que prevalece a escolha das palavras em um texto é [...] de ordem sociocognitiva, quer dizer, está presa aos sentidos e aos propósitos que partilhamos em cada situação de interação.” (p. 126).

Para fins de elucidação, um breve exemplo é que, ao escrever um conto de terror que se passa dentro de um hospital, tragam-se para o texto palavras do campo léxico do terror e do hospital: do primeiro, “susto”, “medo”, “assombro”, “assassinato”, “pesadelo”; e, do outro, “hospital”, “enfermeiro”, “médico”, “ambulância”, “bisturi”. Essas associações semânticas nos mais diversos fragmentos do texto é o que faz perceber que todos eles compõem um só texto, subordinados a uma unidade temática global. Tal fenômeno confere, por si só, coesão ao texto como que amarrando o tecido pelas bordas ou por colunas, sendo, portanto, o pilar coesivo do texto.

Se as associações semânticas são os vários fios necessários à costura adequada, a coesão por conexão seria o nó que amarra os fios⁶. Ele opera, portanto, mais no interior do texto, atuando em trechos mais específicos. Tal nó pode ser operado através da preposição, conjunção, advérbios e suas respectivas locuções. Também chamados de conectivos, eles garantem que fragmentos distintos do texto sejam articulados e tenham entre si relações semânticas. Antunes (2005) ressalta que tais conectores não só ligam duas orações, como ligam também períodos e parágrafos. Lembra ainda a autora, que os papéis das conjunções servem não só para articulação das partes, mas também para mobilização de um valor de sentido entre as partes que as conjunções articulam. Ou seja, dois fragmentos do texto (pode ser oração, período ou parágrafo) têm seus sentidos como tais, mas para que o sentido de um e de outro se articulem num só, usa-se os conectores - tanto para estabelecer continuidade quanto para contribuir ao sentido global do texto.

⁶ Faraco e Vieira (2019) denominaram a conexão de nó coesivo ou coesão sequencial. Eles defendem que tal recurso serve para amarrar unidades menores do texto de forma que essas unidades (orações, períodos, parágrafos) se relacionem e colaborem para unidade de sentido global do texto.

Existem vários tipos de conectores e fenômenos de conexão, de acordo com Antunes (2005), entre eles estão os que expressam: a) causalidade, quer dizer, estabelece uma relação de causa e consequência; b) condicionalidade (se A, então B), dando a ideia de uma possível causa a um dada consequência; c) relação de temporalidade, usado para localizar temporalmente o evento focalizado; d) relação de finalidade, quando um segmento é conectado pela ideia de propósito do outro; e) a relação de alternância; f) relação de conformidade, que expressa a ideia de algo dito pelo outro; g) relação de complementação, ou seja, um segmento funciona como complemento de outro; h) relação de restrição, quando uma oração delimita o conteúdo da outra (funcionando como adjetivo restritivo); i) relações de adição, utilizado para a inclusão de mais um item ou quando se soma mais um argumento aos já postos na discussão; j) relações de oposição, quando um segmento se opõe a outro anterior; k) relações de conclusão, para construir a ideia de um segmento que é conclusão do segmento anterior ; l) justificação, quando articula um segmento que tem objetivo de justificar ou explicar o segmento anterior.

É com base nessa fundamentação teórica e nas categorias aqui trazidas, que será realizada a análise a seguir.

3. Para entender a crônica: condições de produção

Antes do procedimento analítico dos efeitos produzidos pelos recursos coesivos utilizados, é importante levar em conta, como ressalta Pauliukonis e Cavalcante (2018), os dados contextuais, pois é a partir deles que apreendemos se a coesão/coerência de um texto está realizada adequadamente:

É inegável que, para que um texto tenha sentido, devemos saber a situação em que ele foi produzido, bem como quem o fez e para quem o fez, assim como qual a intenção que o produtor o fez e como o leitor o recebeu, e quais as informações que o texto possui. (GARANTIZADO JR; CAVALCANTE, 2016, p. 149)

Dessa forma, é importante recriar, com o máximo de saberes, as condições de produção do texto a ser analisado, com vistas, inclusive, de sondar seu viés discursivo. E, dentro desse panorama, entender os efeitos de sentidos produzidos e os possivelmente intencionados pela autora.

A autora da crônica *Eu sei, mas não devia*, Marina Colasanti, nasceu em 1937 numa colônia italiana na África, Asmara. Em 1948, a escritora, com os pais, veio morar no Rio de Janeiro. Nos anos 1960, passa a trabalhar como jornalista no *Jornal do Brasil*, exercendo, dentre outras funções, a de editora e cronista. Além disso, Colasanti é poeta, contista e romancista e acumula em sua bibliografia mais de cinquenta livros publicados e trinta prêmios literários. No *Jornal do Brasil*, só no período de uma década de 1970 a 1979, Colasanti escreveu mais de cem⁷ textos entre crônicas e resenhas críticas, além de publicar desenhos nesse mesmo periódico.

Eu sei, mas não devia é uma crônica publicada pela primeira vez no número 157 do *Jornal do Brasil*, no dia 24 de setembro de 1972, na *Revista de Domingo*, um espaço voltado para o público feminino. Segue a imagem do texto original.

Figura 1 - recorte do texto no JORNAL do BRASIL impresso



Fonte: Hemeroteca, 2023⁸

A publicação dessa crônica está situada na fase mais rígida da Ditadura Militar no Brasil, há quase quatro anos da institucionalização do AI-5. Essa contextualização no tempo pode levar a interpretação de Castro (2021), que sugere que a crônica foi construída fazendo oposição ao regime militar, uma vez que ela trata de resiliência e resistência. Nesse mesmo

⁷ Com base em levantamento realizado na Hemeroteca Digital pelo autor e autora deste artigo.

⁸ <http://memoria.bn.br/>

sentido, corroboraria a informação de que o *Jornal do Brasil*, segundo Spannenberg e Belafonte Barros (2016), buscava manter sua independência, realizando, por vezes, críticas às ações abusivas do governo, o que acarretou em censuras, represálias e prisões a seus colaboradores.

Em contrapartida a esse histórico do Jornal, vale questionar também o espaço específico da *Revista de Domingo* em que foi publicada. De acordo com Santos (2011), esse espaço nasce em 1959 a partir de textos restantes, que não tinham como foco os temas de política e economia, idealizando a leitora feminina como despreocupada com essas questões e com as preocupações voltadas para a educação dos afazeres domésticos ou da moda. Apesar de caber aqui problematizações, essa informação nos revela alguns dados e permite algumas conclusões: a) que a crônica analisada está dentro de um espaço feminino do *Jornal do Brasil*; b) que, a partir de seu histórico de publicação, ele tem uma idealização evidente de quem seja seu leitor; c) com base nessa idealização, o texto foi escolhido para ser veiculado. Esses fatos põem em dúvida a primeira interpretação posta em discussão.

Por fim, Colasanti (2018)⁹, em palestra, explica que a história foi inspirada na vida de uma amiga, mas afirma também que as histórias que conta não dependem do momento, uma vez que o intuito da arte é a permanência: “Meu foco é naqueles sentimentos que são identitários do ser humano, que atravessam a história, que estão em qualquer momento, que estão na antiguidade e estão no futuro”, ou seja, embora a produção da crônica não tivesse a intenção de retratar o regime repressivo da Ditadura Militar, é justificável que Castro (2021) tenha sugerido uma leitura de intenção combativa e de resistência.

Dito isso, anos depois a crônica é publicada em livro de título homônimo em 1996, pela editora Rocco. No entanto, este trabalho utiliza a versão publicada no jornal, conforme imagem mostrada anteriormente. Para facilitar a compreensão, apresenta-se a transcrição dos parágrafos seguida de análise.

4. A crônica analisada

Nesta seção, realiza-se o procedimento analítico dos recursos coesivos e quais efeitos são produzidos a partir da articulação deles no texto de Marina Colasanti, *Eu sei, mas não*

⁹ Fala de Marina Colasanti em palestra promovida pelo SESC, no dia 23 de outubro 2018.

devia. Para fazer a demonstração, escolheu-se analisar as categorias à medida que são empregadas no texto e não partindo das categorias expostas na fundamentação teórica. Seguem os dois primeiros parágrafos:

Eu sei que a gente se acostuma. Mas não devia.
A gente se acostuma a morar em apartamentos de fundos e a não ter outra vista que não as janelas ao redor. E, porque não tem vista, logo se acostuma a não olhar para fora. E, porque não olha para fora, logo se acostuma a não abrir de todo as cortinas. E, porque não abre as cortinas, logo se acostuma a acender mais cedo a luz. E, à medida que se acostuma, esquece o sol, esquece o ar, esquece a amplidão.

Nesse primeiro recorte, é possível observar alguns recursos coesivos sendo utilizados. No primeiro parágrafo, há uma ocorrência de substituição por elipse “Eu sei que a gente se acostuma. Mas não devia *se acostumar*.”, a omissão do termo, já subentendido, dá destaque ao verbo “dever” que, junto à conjunção adversativa “mas” (uma conexão de oposição), realça a ideia presente na segunda oração.

No parágrafo seguinte, encontram-se casos de paralelismo sintático e repetição literal nos trechos: “E, porque não tem vista, logo se acostuma a não olhar para fora. E, porque não olha para fora, logo se acostuma a não abrir de todo as cortinas. E, porque não abre as cortinas, logo se acostuma a acender mais cedo a luz.”. A recorrência da estrutura sintática iniciada pela conjunção aditiva “e” seguida pela relação de causa e consequência expostas no uso do par “porque/logo” exemplifica o paralelismo que será usado ao longo do texto. Ainda no mesmo parágrafo, é possível perceber repetições de palavras para melhor efeito retórico, ou seja, estabelecendo uma sequência de causa e consequência, em que uma consequência é causa para outra e assim sucessivamente, como um efeito dominó, sem espaço para outra opção, podendo ser encontrado também no caso da palavra “acostuma”, “para fora” e “as cortinas” no trecho a seguir: “E, porque não tem vista, logo se *acostuma* a não olhar para fora. E porque não olha para fora, logo se *acostuma* a não abrir de todo as cortinas. E porque não abre as cortinas, logo se *acostuma* acender mais cedo a luz”. O recurso da repetição está articulado com o recurso de conexão por causalidade, como o “porque... logo”.

Ainda sobre o recurso da repetição propriamente dita nesta crônica em análise, uma das palavras mais repetidas é “acostuma”. A palavra aparece 17 vezes no texto. O uso é majoritariamente estilístico, para causar efeito enfático e, ao mesmo tempo, enumerativo. Nos casos da expressão “se acostuma”, há um efeito enfático, mas nesse mesmo trecho pode ser notado o uso da repetição propriamente dita com efeito também enumerativo: “E, à medida que se acostuma, *esquece* o sol, *esquece* o ar, *esquece* a amplidão” que, aliás, também se

configura como paralelismo sintático. É interessante pontuar esse jogo de repetições entre “se acostumar” e “esquecer”, visto que elas, mesmo para além do texto, tem uma relação íntima: se acostumando, perdemos o sentido e a dimensão das coisas.

Outra relação coesiva utilizada é a de conexão por adição com “e” ligando períodos formando um parágrafo com polissíndeto: “*E*, porque não tem vista, logo se acostuma a não olhar para fora. *E*, porque não olha para fora, logo se acostuma a não abrir de todo as cortinas. *E*, porque não abre as cortinas, logo se acostuma a acender mais cedo a luz. *E*, à medida que se acostuma, esquece o sol, esquece o ar, esquece a amplitude.”. A utilização desse recurso pode causar efeito de exatidão, exatamente pela quantidade de informação que vai se sobrepondo dentro da lógica em cascata.

Por fim, há as relações lexicais quando aparecem as palavras: “apartamento”, “fundos”, “janelas”, “cortinas”. O termo “fundos” acaba ganhando certo valor ambíguo e trazendo “redor”, “fora”; “cortinas” traz “luz”, que traz “sol”. Esse recurso reforça a ideia em cascata, de um efeito dominó.

A gente se acostuma a acordar de manhã sobressaltado porque está na hora. A tomar o café correndo porque está atrasado. A ler o jornal no ônibus porque não pode perder o tempo da viagem. A comer sanduíche porque não dá para almoçar. A sair do trabalho porque já é noite. A cochilar no ônibus porque está cansado. A deitar cedo e dormir pesado sem ter vivido o dia.

Pensando ainda nas relações lexicais, observa-se, no terceiro parágrafo, as palavras: “acordar”, “amanhã”, “tomar café”, “almoçar” e “sanduíche”; “ônibus” relaciona-se com a “viagem”. Ainda aparece no parágrafo relações de antonímia, como manhã/noite e dormir/acordar, o uso desse recurso garante a unidade temática e sua progressão. Há, no recorte, exemplos de paralelismo: “A tomar o café correndo porque está atrasado” em relação à “A cochilar no ônibus porque está cansado”. Além disso, a cronista utiliza o recurso da conexão por meio de elementos que expressem ideia de tempo: “A sair do trabalho porque *já* é noite”.

A gente se acostuma a abrir o jornal e a ler sobre a guerra. E aceitando a guerra aceita os mortos e que haja números para as mortes. E aceitando os números aceita não acreditar nas negociações de paz. E aceitando as negociações de paz aceita ler todo dia da guerra, dos números, da longa duração.

A repetição, auxiliada pelo paralelismo, pode criar um encadeamento, estabelecendo uma relação de causa e efeito progressiva (Porque A, logo B. Porque B, logo C), como acontece no trecho citado anteriormente e no trecho seguinte, mesmo sem a repetição da

palavra “acostuma”: “A gente se acostuma a abrir o jornal e ler sobre a *guerra*. E, aceitando a *guerra*, aceita os mortos e que haja *números para as* mortes. E, aceitando os *números*, aceita não acreditar nas negociações de paz”. O encadeamento tanto se dá pela repetição da palavra “aceita” e seu gerúndio, “aceitando”, como também pela repetição de “guerra”, “mortos/mortes” e “números”, em que é lançado mão palavras do mesmo campo semântico.

A gente se acostuma a pagar por tudo que deseja e o de que necessita. E a lutar para ganhar o dinheiro com que pagar. E a ganhar menos do que precisa. E a fazer fila para pagar. E a pagar mais do que as coisas valem. E a saber que cada vez pagará mais. E a procurar mais trabalho, para ganhar mais dinheiro, para ter com que pagar nas filas em que se cobra.

Nesse sexto parágrafo, há o uso de palavras de mesmo campo semântico em: “pagar”, “ganhar”, “dinheiro”, “valem”, “trabalho”, “cobra” (de cobrar). As palavras trazidas remetem a termos do mercado articuladas com o conectivo “para”, com ideia de finalidade. Além disso, causa o efeito de ciclo fechado em passos interdependentes, dando ideia de que o mover da vida social tem finalidades econômicas, que é movida, portanto, pelos anseios do mercado.

A gente se acostuma a andar na rua e ver cartazes. A abrir as revistas e ver anúncios. A ligar a televisão e assistir a comerciais. A ir ao cinema e engolir publicidade. A ser instigado, conduzido, desnortado, lançado na infindável catarata dos produtos.

Observa-se a ocorrência de relações lexicais, por meio do procedimento da associação semântica no sétimo parágrafo: em “A gente se acostuma a andar na rua e ver *cartazes*. A abrir as revistas e ver *anúncios*. A ligar a televisão e ver *comerciais*. A ir ao cinema e engolir *publicidade*”, percebe-se a associação semântica por sinônimo: anúncio e publicidade; e por certo hiperônimo que esses dois sinônimos exercem sobre “cartazes” e “comerciais”, porque cartazes e comerciais são formas específicas de anunciar e publicar. Outro efeito que pode ser produzido é a ideia de demasia, excesso de propaganda nos vários veículos de consumo e acesso popular. Vale ressaltar que as relações lexicais dentro da crônica produzem o efeito de fio, trazendo, para o eixo, elementos cotidianos semelhantes ou socialmente associados.

No mesmo trecho em destaque, o fenômeno da pronominalização aparece em “E a lutar para ganhar dinheiro com *que* pagar”, retomando a palavra dinheiro. A estrutura construída, com o recurso do pronome relativo para retomar dinheiro, evita as repetições, o que tira de foco esse termo em prol dos verbos “lutar”, “ganhar” e “pagar”. A locução conjuntiva e o verbo “com que pagar” dão destaque ao último verbo da sequência, o que abre

possibilidade para um efeito de finalidade que se encerra ali. Ou seja, a vida se move pelo trabalho, que se move pela finalidade de pagar, de quitar as contas.

Além disso, observa-se a substituição por elipse: “A gente se acostuma a pagar por tudo o que deseja e *a pagar por tudo* o de que necessita.”; “E a ganhar menos do que precisa *ganhar*.”, que é acompanhado por expressão que dá ideia de comparação “Menos do que”; “A *ser* instigado, [*a ser*] conduzido, [*a ser*] desnorteado, [*a ser*] lançado na infundável cartela de produtos.”.

É percebido também a utilização de paralelismo em: “A abrir as revistas e ver anúncios”, “A ligar a televisão e ver comerciais.” e “A ir ao cinema e engolir publicidade”. Além de poder ser notado outro caso de paralelismo por meio dos verbos no participio em “A ser instigado, conduzido, desnorteado, lançado na infundável catarata dos produtos”. As ocorrências de paralelismo podem sugerir um efeito de fluidez inconsciente: ao mesmo tempo em que todas as ações são rotineiras e se repetem, também estão fora do controle, só se podem acompanhar com os olhos, indignados.

A gente se acostuma à poluição. Às salas fechadas de ar condicionado e cheiro de cigarro. À luz artificial de ligeiro tremor. Ao choque que os olhos levam na luz natural. Às bactérias de água potável. À contaminação da água do mar. À lenta morte dos rios. Se acostuma a não ouvir passarinho, a não ter galo de madrugada, a temer a hidrofobia dos cães, a não colher fruta no pé, a não ter sequer uma planta.

No oitavo parágrafo, acima apresentado, tem-se o uso da substituição por elipse, marcada de negrito a seguir: “A gente se acostuma à poluição. [*A gente se acostuma*] às salas fechadas de ar condicionado e cheiro de cigarro. [*A gente se acostuma*] ao choque que os olhos levam na luz natural. [*A gente se acostuma*] às bactérias da água potável. [*A gente se acostuma*] à contaminação da água do mar. [*A gente se acostuma*] à lenta morte dos rios.”. A omissão do termo subentendido cria o efeito enumerativo, de lista, de sumarização, dando-se brevidade ao que se diz.

A gente se acostuma a coisas demais, para não sofrer. Em doses pequenas, tentando não perceber, vai afastando uma dor aqui, um ressentimento ali, uma revolta acolá. Se o cinema está cheio, a gente senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço. Se a praia está contaminada a gente molha só os pés e sua o resto do corpo. Se o trabalho está duro a gente se consola pensando no fim de semana. E se no fim de semana não há muito o que fazer a gente vai dormir cedo e ainda fica satisfeito porque tem sempre sono atrasado.

No nono parágrafo, há a utilização de vários recursos de conexão, que expressam ideia de condição, finalidade ou que tenham a funcionalidade de complementação e partícula de restrição/especificação. Os conectivos que expressam a ideia de condição podem ser

encontrados em: “*Se* o cinema está cheio, a gente senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço” e “*Se* o trabalho está duro, a gente se consola pensando no fim de semana”. Os conectivos de finalidade são observados em “A gente se acostuma a coisas demais, *para* não sofrer [...]”. E, dos elementos que cumprem funções, você tem o de complementação, como no caso do “E se no fim de semana não há muito o *que* fazer, a gente vai dormir cedo[...]” e da partícula restritiva “que” em “Ao choque *que* os olhos levam na luz natural”.

A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. Se acostuma para evitar feridas, sangramentos, para esquivar-se da faca e baioneta, para poupar o peito. A gente se acostuma para poupar a vida. Que aos poucos se gasta, e que, gasta de tanto acostumar, se perde de si mesma.

No trecho “Se acostuma para evitar feridas, sangramentos, para esquivar-se da faca e baioneta, para poupar o peito”, a partícula “se”, de “esquivar-se”, parece retomar a “a gente” (que está elipsada no início do trecho, em “Se acostuma”), sendo, portanto, uma anáfora. O uso do recurso anafórico, junto do recurso da substituição por elipse da primeira pessoa do plural, pode sugerir que a autora evitou a explicitude da personalidade em um trecho em que se fala da baioneta, um objeto bélico — termo que deu linha de interpretação a Castro (2021).

Em outro caso, no fragmento abaixo, tem: “A gente se acostuma para poupar a vida *que* aos poucos se gasta e, que gasta, de tanto acostumar, se perde de si mesma.”. Os termos sublinhados representam ocorrências de substituição gramatical por meio da pronominalização. O “que” em negrito se trata de fenômeno conexão que cumpre a função de complemento.

Para encerrar a análise, é importante destacar algumas observações. Quase todos os procedimentos e seus recursos foram encontrados dentro da peça, principalmente a substituição por elipse, a repetição propriamente dita e o paralelismo – que aparecem em abundância. A articulação desses recursos pode sugerir que a autora tenha intencionado o efeito de circularidade, ou seja, ao mesmo tempo que os acontecimentos mudam rápido, eles se repetem e são estruturalmente parecidos.

Em contrapartida, os casos de repetição por meio da paráfrase e os casos de conexão por alternatividade, conformidade, conclusão e justificação não foram encontrados no texto. A ausência de paráfrase pode ser explicada por questões temáticas, uma vez que a crônica expõe a rotina, a repetição de hábitos, a banalização da vida, sendo ela um recurso que promove a alteração da forma. Quanto à falta de conexão por alternatividade, pode sugerir que a autora

quis dar a ideia de falta de opção dentro da fluidez de uma rotina que não é vivida conscientemente. Nesse sentido, até a não utilização de recursos teria sua razão de ser.

Na peça de Colasanti (1972), é perceptível que a autora, a cada parágrafo, trabalha com um tópico discursivo diferente, como hábitos relacionados ao lar, ao trabalho, ao lazer, entre outros. Cada tópico é desenvolvido por meio de uma seleção lexical coerente com seu campo semântico. A unidade de sentido global, por sua vez, é garantida através da repetição da expressão “A gente se acostuma”, seja de forma explícita seja por elipse nos parágrafos. Com isso, ela pode produzir efeitos de rotina à medida que, por meio desses parágrafos semanticamente autônomos, fazia progredir o texto, mostrando a amplidão que essa rotina abarca.

5. Considerações finais

A análise aqui realizada pretendeu observar os efeitos de sentidos articulados pelos usos dos recursos coesivos na crônica *Eu sei, mas não devia*, de Marina Colasanti. A fim de transpor a teoria para a aplicação, foi feito um trabalho de identificação das diversas ocorrências do fenômeno no texto.

Tentou-se aqui tornar evidente a complexidade dos recursos coesivos do texto, mas também evidenciar a possibilidade de estudo do texto para além de categorizações gramaticais, pensando em seu efeito de sentido e em como esses dados sociodiscursivos tornam esses efeitos mais explícitos. Isso porque é levado em conta as condições de produção, fator inerente a qualquer produção textual.

Diante disso, junto de estratégias pedagógicas, algumas das possibilidades que podem ser trabalhadas em sala de aula é começar por elementos contextuais e microelementos do texto para levantar hipóteses para predição, trazendo para análise a necessária construção das condições de produção, num movimento de idas e voltas ao texto, atentando o alunado para: como ele mobilizou o conhecimento para fazer sua primeira leitura, como o conhecimento contextual pode trazer elementos que contrarie a sua predição, como esses elementos coesivos podem ter efeitos de sentidos outros a partir da consideração de seu contexto de produção e como essa diferença de apreensão dos efeitos de sentido de antes e depois evidenciam a dinamicidade da língua na interação. Essas possibilidades de trabalho explicitam a complexidade textual por meio da demonstração de texto concreto, contribuindo para um caráter mais científico/investigativo dos estudos da linguagem.

Referências bibliográficas

ANTUNES, Irandé. **Análise de textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

ANTUNES, Irandé. **Lutar com Palavras**. São Paulo: Editora Parábola, 2005. 199p.

CASTRO, Ângela Cristina Rodrigues de. Eu sei, mas não devia: resistência e resiliência na crônica de Marina Colasanti. *Revista Linguasagem*, São Carlos – SP, v. 37, n. 1, p. 1-12, jan, 2021.

CAVALCANTE, Mônica M; BRITO, Mariza A. P; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar; CORTEZ, Suzana L; SOUSA PINTO, Rosalice B. W; PINHEIRO, Clemilton L. O texto e suas propriedades: definindo perspectivas para análise. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória-ES, v. 13, n. 25, p. 25-39, out. 2019.

COLASANTI, Marina. **Eu sei, mas não devia**. *Jornal do Brasil: Revista de Domingo*, Rio de Janeiro, n. 157, 24 Set.1972, p. 10. Disponível em: < <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital> > Acesso em: 26/02/2023

COLASANTI, Marina. **Raízes e Literatura**. [São Paulo – SP]: SESC, 2018. 1 vídeo (72 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4fivDjs4z28>. Acesso em: 10 de dezembro de 2022.

FARACO, Carlos Alberto; VIEIRA, Francisco Eduardo. **Escrever na Universidade: Texto e Discurso**. Unidade 8: Garantindo a Coesão. São Paulo: Editora Parábola, 2019. 216p.

GARANTIZADO JR, José Olavo da S; CAVALCANTE, Mônica M. Coerência/coesão: uma nova forma de olhar os elos coesivos. **Caderno Seminal Digital**, Rio de Janeiro – RJ, ano 22, nº 26, v. 1, p. 126-153, jul.-dez. 2016.

PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Texto e Ensino**. Natal: SEDIS-UFRN, 2018.

SANTOS, Heloísa H. de O. *Revista do Domingo: Jornal do Brasil, Páginas Femininas e Moda*. In: XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, **Anais [...]**, São Paulo: Associação Nacional de História, 2011. p. 1-11.

SPANNENBERG, Ana C. M; BARROS, Cindhi V. B. Do impresso ao digital: a história do *Jornal do Brasil*. **Revista Observatório**, Palmas - TO, v. 2, n. Especial 1, p.230-250, maio. 2016.